

A FIGURA PATERNA NOS CONFLITOS ONTOLÓGICOS DO NARRADOR PÓS-MODERNO NOS ROMANCES DE MARIO SABINO

Cezar Roberto Versa¹
Alexandre Sebastião Ferrari Soares²

RESUMO: A literatura contemporânea apresenta novos autores e uma apresentação reveladora de problemas ontológicos de ordem diversa. Mario Sabino, jornalista e escritor paulista, captou tal tendência, desvelando processos de mote edipiano, na perspectiva da psicanálise a partir do Complexo de Édipo. Este artigo tem como objetivo analisar, à luz dos pressupostos da literatura comparada, a reincidência temática do conflito edipiano da relação pai e filho nos dois romances de Mario Sabino: *O dia em que matei meu pai* e *O vício do amor*, em relação ao conflito ontológico de seus narradores-personagem. É importante, nesse sentido, identificar nas narrativas as marcas enunciativas dos protagonistas quanto aos sucessos e insucessos de suas vidas marcados e/ou explicados pela figura paterna. Tal enfoque analítico-metodológico se perfaz nos entornos discursivos presentes nas obras. Faz-se mister destacar ainda que esse trabalho se justifica perante a interface temática da literatura com a psicanálise, além do autor das obras ser ainda pouco estudado pela crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Pós-moderno, Complexo de Édipo, Ontologia.

A FATHER FIGURE IN THE POST-MODERN NARRATOR'S ONTOLOGICAL CONFLICTS IN NOVELS BY MARIO SABINO

ABSTRACT: Contemporary literature presents new authors and a presentation revealing ontological problems of a different kind. Mario Sabino, journalist and writer from São Paulo, captured this tendency, revealing processes of Oedipal theme, from the perspective of psychoanalysis from the Oedipus Complex. This article aims to analyze, through the assumptions of comparative literature, the thematic recurrence of the Oedipal conflict of the parent-child relationship in the novels of Mario Sabino: *The day I killed my father* and *Love addiction*, in relation to the conflict their ontological character-narrators. It is important, in that sense, to identify in the narratives the enunciative marks of the protagonists as the successes and failures of

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel. Contato: cezarversa@hotmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de Graduação e Pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel. Contato: asferraris@globo.com

their lives marked and/or explained by the paternal figure. This analytical-methodological approach happens in the internal discourse. It is necessary highlight that this work is justified before the thematic interface of literature and psychoanalysis, beyond the author of the literary works is still little studied by critics.

KEY WORDS: Postmodern Novel, Oedipus Complex, Ontology.

A narrativa pós-moderna constrói-se num processo de antinomias, do inovador e conservador, do distanciamento e proximidade, da construção e desconstrução. De tal modo, alguns narradores ao invés de se distanciarem da cena, como aludido por Santiago (1989), tendem a adentrar de forma introspectiva à essência e constituição da personagem, em construções de *flashbacks*, *flashforwards*, fluxos de consciência e deslocamentos espaço-temporais.

A representação apresenta-se deslocada da antiga conceituação de mimese, cunhada por Aristóteles (1984), em que a ideia de cópia da realidade se perfaz como essência. Auerbach (1976) entenderia na mimese a busca do homem por interpretar um real, o qual muitas vezes fulgura numa situação de vazio. Lima (2000) reitera, por sua vez, que mais que representação, há uma noção de mimese de construção, cuja essência seria a metáfora, em que a condição histórica prevalece e os mitos não se justificam mais.

Os romances de Mario Sabino, autor e jornalista paulista, congregam essa metáfora como mimese de construção a partir da voz de narradores-protagonistas atormentados por seus traumas, questionadores e intelectualizados frente seus dilemas ontológicos, mas que no fundo padecem em mitos injustificados, os quais são relatados e reforçados a fim de justificar os atos das personas em questão. Ocorre, pois, um movimento de autoafirmação e choque ao leitor, como se tais fatos corroborassem para as atitudes e decisões das personagens, as quais findam suas angústias na figura paterna.

O título do primeiro romance de Mario Sabino, *O dia em que matei meu pai* (2009b), remete ao arquétipo do mito grego, do parricídio e envolvimento amoroso com a mãe e da teoria psicanalítica de projeção de um amor possessivo maternal. Ao se ler a primeira página da obra, logo na oração inicial, tem-se um esclarecimento direto e inesperado: "O dia que matei meu pai era um dia claro, de uma claridade difusa, sem sombras, sem relevos" (SABINO, 2009b, p.9). De acordo com El-Kadi (2011, p. 202), "O crime é descrito em termos pictóricos e teatrais, carente de toda carga emotiva que se esperaria diante de tal ação violenta". Na obra de Sófocles, *Édipo rei* (2005), o assassinato do pai não ocorre de forma premeditada e muito menos descrita perante tal linguagem.

Já sua segunda produção romanesca se denomina *O vício do amor* (2011), livro em que o narrador-protagonista retrata a crueza da definição de amor, a partir de suas experiências de vida, com as mulheres que de algum modo tal sentimento aflorou. Durante a estória, à vinculação ao mito edipiano também se perfaz, inclusive retratada a partir de delineamentos da psicanálise. A obra *Um pai* (1994), de Sibylle Lacan, filha de Jacques Lacan, um dos maiores nomes da linha psicanalítica, recebe atenção especial, sendo explicada, delineada e comparada perante os anseios da personagem principal de *O vício do amor*. Até o final do livro, embora esse não seja o tema do romance, a figura do pai ocupa posição privilegiada e de contornos explicativos às decisões e reflexões ontológicas do protagonista.

O presente artigo objetiva analisar, à luz dos pressupostos da literatura comparada, a reincidência temática do conflito edipiano da relação pai e filho nos dois romances do escritor e jornalista Mario Sabino: *O dia em que matei meu pai* e *O vício do amor*, em relação aos conflitos ontológicos, demarcados na remissão ao complexo psicanalítico edipiano.

A justificativa por tal encaminhamento metodológico e temático se evidencia nas características de descentramento, desencontro do mundo das personagens dos dois romances de Sabino agregado ao valor de seu conhecimento da reflexão metapoética e fenomenológica. Faz-se se mister estudar suas obras e analisar as características que a compõem, a fim de tecer um quadro comparativo perante suas influências e percepções do processo mimético e catártico da literatura, em especial, referente à intertextualidade com a obra trágica *Édipo rei*, aos contornos ontológicos e às perspectivas psicanalíticas.

Logo, tal reflexão perscruta as nuances da literatura pós-moderna de Mario Sabino a partir da revisitação ao mito edipiano e do processo niilista angustiante dos sujeitos da sociedade hodierna, ilustradas no desvario ou realidade dos narradores-protagonistas dos romances de Mário Sabino, autor ainda pouco estudado pela crítica literária.

1 LITERATURA COMPARADA

A Literatura Comparada é uma disciplina, a qual se estabelece a partir de especificidades e encaminhamentos metodológicos próprios que evoluíram do amadurecimento dos processos de uma área de análise que não se entende de forma isolada e autônoma.

Este novo modo de entendimento acentua, então, um traço de mobilidade na atuação comparativista enquanto preserva sua natureza "mediadora", intermediária, característica de um procedimento crítico que se move "entre" dois ou vários elementos, explorando nexos e relações. Fixa-se, em definitivo, seu caráter "interdisciplinar" (CARVALHAL, 1991, p.10).

A gênese da Literatura comparada remete ao século XIX, nas buscas de analogias para a formação de leis universais e tendo na França seu maior poder de estabilização, em que a expressão se firma. Países com Alemanha e Inglaterra apresentarão obras que discutem assuntos literários a partir da perspectiva da comparação.

Em muitos momentos da tradição o termo Literatura Comparada foi ligado, ou até mesmo confundido, com a terminologia Literatura Geral. Para alguns, os estudos comparados estariam intrínsecos aos estudos gerais da literatura. É na década de 1920, a partir de estudos como os de Fernand Baldesperger e Paul Hazard, que a Literatura Comparada assume o *status* de disciplina.

No Brasil, a Literatura Comparada também ganha força com os estudos de Tasso da Silveira, João Ribeiro, Eugênio Gomes e Augusto Meyer, considerados precursores da disciplina no Brasil. Muitos dos estudos primeiros remetiam às fontes da literatura machadiana, de seus personagens, entretchos e características.

No fim do século XX e início do século XXI, a Literatura Comparada tanto em nível mundial quanto brasileiro passará por inúmeras transformações, a palavra comparar não se reduzirá apenas ao âmbito intertextual, mesmo que a dialogia textual seja uma característica importante e geralmente *a priori* nas análises. Para Carvalhal (2006, p.52), "Embora Julia Kristeva tenha querido desvincular a questão da intertextualidade do estudo das fontes, na verdade o conceito contribuiu para que ele fosse renovado". Há de se destacar, que o estudo das fontes é importante, mas não o único e definidor da Literatura Comparada.

Qualquer revisão crítica da Literatura Comparada em seu desenvolvimento histórico leva de imediato à percepção de que a disciplina sofreu, de meados dos anos 70 para o presente, considerável transformação, que poderíamos sintetizar, sem riscos de reducionismo, na passagem de um discurso coeso e unânime, com forte propensão universalizante, para outro plural e descentrado, situado historicamente, e consciente das diferenças que identificam cada *corpus* literário envolvido no processo da comparação (COUTINHO, 1996, p.67).

Linhas de análise como o historicismo ou das literaturas nacionais vão cedendo espaço para estudos envolvendo problemáticas culturais, descentralização de identidades, o teor etnocêntrico do início da perspectiva comparada se estabelece agora na pluralidade. Estudos de

tradução também ganham terreno, na busca de textos originais e carregados de denotações específicas de cada condição de produção específica.

Nesse sentido, o ambiente latino-americano e o africano ganham terreno na busca de um reconhecimento por parte do cânone de produções outrora relegadas ao esquecimento, como produções em línguas indígenas ou de tradições marginais. A alteridade instaura-se como um marco definidor dos estudos comparativos. Segundo Coutinho (1996, p.73), “A Literatura Comparada é hoje, máxime nesses locais, uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que ultrapassou o anseio totalizador de suas fases anteriores, e se erige como um diálogo transcultural, calcado na aceitação das diferenças”.

Destarte, a Literatura Comparada se pauta como uma disciplina efetivada e em constante atualização, amparada em mudanças filosóficas e sociais, as quais retratam quadros diferenciados e de reconstrução, sejam dos conceitos ou das próprias significações de mundo do espírito de época próprio à pós-modernidade.

2 PÓS-MODERNIDADE E LITERATURA

As transformações perfazem o humano em sua essência e no geral denotam em si muitas contradições, mudar significa se adaptar, isso acontece e deixa resquícios, sejam eles salutares ou não. Os indivíduos, no mundo hodierno, denotam-se em um processo de incertezas, as quais se postulam mais evidenciadas que em outros momentos vivenciados pela história. Interessante perceber nesse processo os intentos de explicação metafísica que cada ser representa e constitui.

Tal situacionalidade gera um movimento de ruptura paradigmática, entendido e também questionado por muitos autores. Nesse contexto, apresentam-se os conceitos de pós-modernidade (LYOTARD, 1987; JAMESON, 1991; HALL, 2005), de uma modernidade líquida (BAUMAN, 2001), ou ainda de uma hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2005). Até a definição se torna dúbia, mas a certeza de que há dúvidas é cabal, como se a única certeza fosse a incerteza (HARVEY, 2003) .

A arte, processo intrínseco aos indivíduos e de externalização de seus sentimentos, sofre as influências dessa ambiência vivenciada, numa dialética da construção e da destruição. As identidades não são as mesmas, ou ainda, nem existem em sua forma unificada e una; a hibridez se estabelece, em um composto de bricolagem perene; o efêmero torna-se regra e os sujeitos se perdem em si mesmos; as minorias passam a ser aclaradas, da marginalidade ao centro das

discussões; os sentimentos e angústias são mais arraigados e tal introspecção constrói contornos outrora não declarados.

Nessa confluência estética e ética, a literatura teve em seus contornos um câmbio significativo, a mimese conceitual entra em crise, as histórias passam a destinar temáticas de aprofundamento psicológico e social. Lima (2000) assevera que a representação da realidade literária e do processo de crítica de arte não pode se encerrar nos meandros de uma resposta sociológica e que o processo de mimese deve ser repensado nesse sentido.

A própria teoria da literatura teve de se reinventar, ou mesmo, reconfigurar-se diante de seus processos e identificações. Para Iser (2002, pp. 933-934), “As teorias geralmente alcançam plausibilidade pela homogeneidade de seu sistema de referências. Mas, no campo da arte, muitas vezes as teorias alcançam sua homogeneidade pelo uso de metáforas”. Isto é, a representação da realidade na conceituação clássica de mimese passa a ser questionada, uma vez que “a realidade representada no texto não deve ser tomada como tal; ela é a referência de algo que ela não é, mesmo se este algo se torna representável por ela” (ISER, 2002, p.973).

Incita-se, pois, na literatura contemporânea um quadro de análise diferenciado, uma vez que a sociedade em questão tem em seus indivíduos uma crise identitária de transitoriedade impensada em outros tempos (HALL, 2005). O discurso imagético, novas tecnologias da comunicação e da informação se estabelecem, releituras conceituais dos relacionamentos humanos são algumas das possibilidades de entrecos percebidos pelos autores desse pós-modernismo literário (HUTCHEON, 1991).

3 CRISE IDENTITÁRIA E ONTOLÓGICA NA ERA PÓS-MODERNA

A sociedade, no transcorrer de toda a sua história, passou por diversas rupturas. As noções fundadoras de sua gênese no geral foram dicotômicas, isto é, na passagem de uma época para outra, rupturas se sucederam de modo antagônico, com a definição de que ao fim de um momento, outro se iniciava. Para se entender, essa nova época, a pós-modernidade, fez-se necessário compreender e acreditar no fim da era moderna.

Quiçá, nesse ponto, resida uma das explicações para a variada gama de definições e reflexões acerca do espírito de época que se vivencia na contemporaneidade e a refutação de alguns, como Lipovetsky (2005). O filósofo francês acredita no superlativo da modernidade, uma vez que, “o rótulo ‘pós-moderno’ já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o

mundo que se anuncia” (LIPOVETSKY, 2005, p. 52). Advindo deste ponto o seu conceito de hipermodernidade.

A modernidade é lembrada a partir de uma noção de mudança, em que a racionalidade falhou em seu objetivo principal, o progresso. Morin (2000, p.70) assevera que o século XX foi o da aliança entre duas barbáries, a guerra e a racionalização. Lyotard (1987), por sua vez, vê na descrença da própria ciência, na perda de garantias da racionalidade, o surgimento de uma nova condição, a pós-moderna. A frase célebre de Marx enquadra-se muito bem nesse contexto, “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Por isso, Bauman (2001) revê seu conceito de pós-modernidade, entendendo-o como uma “modernidade líquida”.

É necessário destacar, que nos primórdios da modernidade, havia a crença ingênua de que “o domínio científico da natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais” (HARVEY, 1999, p.23). Todavia, hoje, na pós-modernidade, vive-se em uma neurose coletiva, em que o medo pelo fim dos recursos naturais, básicos à vida, como a água, finde-se.

Buscar respostas à pós-modernidade é trabalhar com algo que está, mas não pertence; que é, mas não se define. Nesse ponto, o período revisita as contradições da modernidade, porém, deve-se destacar que a estrutura do sentimento mudou. Não se sabe com certeza o que mudou, “a natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é” (HARVEY, 1999, p.45).

A mudança paradigmática da condição moderna para a pós-moderna se evidencia nas relações sociais, numa globalização cambiante e na multifacetação dos indivíduos. Cabe destacar neste último ponto a importância do estudo das identidades, no sentido de entender como as mudanças se deram no nível das representações de existências.

Hall (2005) classifica a identidade dentro de três concepções, cada qual se referindo a um momento histórico. A primeira concepção remete ao sujeito do Iluminismo, tido em sua centralidade. O centro do eu acabava por ser a própria identidade. O sujeito sociológico enquadrar-se-á como a segunda concepção, na qual já se percebia a autossuficiência do eu, na relação do eu com os outros “eus”, portanto, concebe-se uma identidade formada a partir da interação. A terceira concepção classifica o sujeito pós-moderno, numa noção fragmentada do eu.

Arelada a esta multifacetação, fragmentação e efemeridade das identidades surge uma nova crise do Ser, em um processo ontológico marcados por descentramentos, niilismo constante, perda e ilusão. Vários autores de linhas e concepções teóricas diversas trabalharam tais temática: Freud (1974a, 1974b, 1976a, 1976b, 1996) com seu mal-estar da civilização e a

concepção do inconsciente, Shopenhauer (2005), com o niilismo; Nietzsche (2001), com o niilismo e a morte de Deus; Derrida (2002) e Foucault (1979), com o desconstrucionismo; Sartre (1999), Husserl (2006) e Heidegger (1989), com a metafísica e fenomenologia.

Destarte, à luz dessas teorias, o homem pós-moderno se viu perdido em si mesmo, com a noção do inconsciente; desiludido frente à racionalidade com a perda da aurora civilizatória no pós-guerra; uma perda iminente de várias conceituações que o leva a ver sentido apenas nada, num paradoxo do existir em que tudo é nada; na morte simbólica de Deus, como alcance à posição de um *übermensch*; num jogo de desconstrução metafísica, em que o centro da estrutura dos significados humanos sai do próprio centro; e de uma metafísica em que a condição do Ser é revisitada, repensada e deslocada, em que as metáforas se tornam respostas mais confiáveis.

Tal momento ontológico pode ser resumido perante a metáfora do interior da floresta em Heidegger (1989), cujo medo e assombro de se adentrar nas clareiras denota a condição de descentramentos e desvelamentos os quais nem sempre são bem recebidos, pois os sujeitos não querem refletir sobre o que se sabe, mas se foge, pois a dúvida os atormenta e também se torna, quiçá, a melhor resposta.

É como se “atrás das coisas há algo inteiramente diferente; não o seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (FOUCAULT, 1979, p.18).

4 ROMANCE PÓS-MODERNO BRASILEIRO

A literatura brasileira traz em sua configuração inúmeros autores, como Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Patrícia Melo, Nérida Piñon, Raduan Nassar, entre outros; os quais discutem desde a violência no seu sentido mais literal e impensável até o posicionamento de um discurso feminino vivo e desapegado a certas convenções. Fato a ser aludido, é que mesmo estando situados em um tempo dito como pós-moderno, senão liberal, de um capitalismo tardio, o que se percebe é um certo estranhamento por tais temáticas desveladas nas letras. Eagleton (1998) já havia asseverado que nessa sociedade do pós-modernismo há uma tendência ao radicalismo e conservadorismo, numa contradição vívida dos sujeitos serem libertários e autoritários ao mesmo tempo.

A própria noção do narrador salienta mudanças, em que a modernidade e a pós-modernidade trouxeram conceitos diferentes de autores como Walter Benjamin (1993) e Theodor Adorno (2003), da escola de Frankfurt; e o brasileiro Silviano Santiago (1989).

Para Benjamin (1993), a capacidade de se contar histórias foi se perdendo com o advento da modernidade, por isso, sua melancolia perante o devir das narrativas. O advento da comunicação de massa, com a informação ocupando a instância maior, proporcionou a ruptura em relação ao modelo das antigas histórias orais, num processo de fragmentação.

Para o autor, surge uma nova forma de 'narrativa', que abre espaço para o romance clássico, para o jornal, aceitando a solidão do autor, assim como da personagem e do leitor, ou seja, do homem na sociedade. Perpetua-se a falsa sensação de coletividade enquanto, na verdade, ampliam-se as distâncias espaço-temporais entre os indivíduos da sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2009, p.114).

Já Adorno (2003) entende que cabe ao romance problematizar as situações que o mundo informacional e reificado não mais compartilha. O paradoxo desse processo é a não possibilidade de narração diante do objetivo primeiro do romance o narrar. "Assim sendo, quanto mais a coisa comunicada parecer compreensível, fechada e sem lacunas, mais o romance deve se esforçar para desvelar o que há sob o véu: a falta de sentidos, a alienação e o desencantamento do mundo" (SANTANA, 2011, p.02).

Santiago (1989) define que o narrador não participa mais do processo que envolve a narração. "o narrador pós-moderno extrai a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador, assim ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste e não enquanto atuante" (SANTIAGO, 1989, p. 38-39). O narrador, ao contrário da concepção tradicional do contar em Benjamin, aproxima-se da ideia do jornalista, que observa sem se envolver.

Os narradores dos romances de Mario Sabino carregam um pouco das características definidas pelos três autores supracitados, pois o narrador de suas obras participa da ação, ou refletem sobre a mesma, padecendo do distanciamento de espectador, chegando a satirizar o leitor num movimento de transgressão. Também desencantam-se frente à realidade que os cerca, de um mundo reificado e de isolamento cada vez maior.

Mário Sabino, como jornalista, captou em sua forma de narrar o delineamento de Santiago, mas não deixou de trazer à tona o relato da experiência como defendido por Benjamin.

No final, mesclam-se a essas duas características justamente o desencantamento da realidade como aludido por Benjamin.

MARIO SABINO

Mario Sabino, autor paulista e jornalista, parece ter percebido o deslocamento moral e existencial da sociedade pós-moderna e traz em sua produção literária temáticas as quais tendem ao enlace conceitual das incertezas. Em 2004, lançou seu primeiro romance *O dia em que matei meu pai*, seguido de uma coletânea de contos, em 2005, *O antinarciso*; em 2009, produziu um livro de narrativas curtas, *A boca da verdade*; para, em 2011, aclarar seu segundo romance: *O vício do amor*.

Em *O dia em que matei meu pai*, Sabino estreia na literatura nacional como mais um autor a desvelar processos sociais e psicológicos de sujeitos constituintes de uma sociedade cada vez mais marcada pelos processos da efemeridade e da dúvida. Tais características aproximam Sabino em alguns momentos do realismo pululante de Rubem Fonseca e seus discípulos como Patrícia Melo.

Sem a consistência auto-reflexiva do conjunto anterior, tais romances, nos seus melhores momentos, aliam ao sensacionalismo dos temas - sexo, violência, criminalidade - e à intensa comunicabilidade e fluência narrativas, uma lúdica e auto-irônica consciência formal, habitualmente conduzida pela voz de um narrador cínico, intelectualizado e exibicionista (DIAS, 2002, pp. 51-52).

O narrador de *O dia em que matei meu pai* se instaura nesse quadro ao ser cínico e exibicionista, como no caso do fim do terceiro capítulo assim o termina: “O espetáculo que se desenrolava sobre a cama era horroroso: minha mãe, nua, cavalgava um pênis enorme. O pênis que eu sempre quisera ver e que sempre evitara olhar” (SABINO, 2009b, p.16); em seguida, no início do quarto capítulo faz sua ironia ao leitor:

Perdoe-me, mas nada do que contei ocorreu. Quer dizer, apenas uma parte é verdade. Até a visão da pedra azul. Como você pode ter acreditado que eu presenciei meu pai e minha mãe fazendo sexo? Meu relato foi tão esquemático, tão de manual... Pelo visto, não é difícil enganá-la. Talvez eu possa me dedicar a isso de agora em diante – a enganá-la. Será minha diversão (SABINO, 2009b, p.16).

Seu segundo romance *O vício do amor* não é diferente quanto ao processo irônico em relação ao leitor: “Eu disse que me chamava Marco Levi, mas é mentira” (p.53); “Se você prestou atenção, reparou que falei em ‘nossa gente’. Espero que tenha acreditado que não me chamo Ranuccio Tomassini. Nem mesmo meu pai sugeriria um nome tão grotesco ao filho que viria abandonar” (p.63); “Se você não é surdo ou eremita, já deve ter ouvido. Parece meio idiota, mas

não dentro do meu contexto” (p.84). Já o exibicionismo e intelectualização se processam nas descrições dos processos geográficos e culturais.

Em *O dia que matei meu pai* e em *O vício do amor* seus contornos intertextuais denotam a impressão de desvelamento de algumas características dos protagonistas. Vários autores são citados nos dois romances. No primeiro, há referências à Clarisse Lispector, com sua introspecção e movimento de epifania (p. 29); a Ivan Karamazov, parricida de Os irmãos Karamazov, de Dostoiévski (p. 102); o desfecho dialógico do personagem ter pagado para que jogassem ácido em seus olhos, interface pontual da cegueira de Édipo, como pagamento de seus pecados, num processo catártico, da obra grega: “Imobilizado numa poltrona, eu ainda pude ver o corpo de meu pai que jazia sobre o sofá, antes que o terceiro bandido despejasse ácido nos meus olhos” (SABINO, 2009b, p.162). Já em seu último romance, citam-se Shopenhauer e seu niilismo; Caravaggio e sua vida marginal; Jacques Lacan e sua relação com a filha Sibylle, comparação pontual do abandono por parte do pai à figura do filho e/ou filha, uma relação à metáfora paterna do próprio Lacan: “Saulo tinha razão: a história de Sibylle era mais original do que a minha. Ou seja, pior. Melhor ter um pai fraco e ausente do que um pai forte que se ausenta estando presente” (SABINO, 2011, p.136).

Os personagens dos dois romances são angustiados e apresentam ontologias conflitantes, num movimento em que a violência ou o desapareço são marcas. Em *O dia que matei meu pai* o assassinato é a saída mais racional, nem que isso resulte na morte de seu próprio pai, num parricídio premeditado, em que mesmo sendo negado pelo narrador remete ao mito do complexo de Édipo, pois seu pai mantinha relações com sua mulher, àquela que seria a substituta de sua mãe. E em *O vício do amor*, a necessidade de saber quem é o pai, mesmo que para isso a personagem principal descubra ter vivido uma relação incestuosa.

5 ÉDIPO REI E A CONSTRUÇÃO DO MITO EDIPIANO PSICANALÍTICO

O elemento mais importante da tragédia é a trama dos fatos, o *mythos*, que nada mais é do que o enredo, o entrecho, a intriga. Logo, “a fonte do efeito trágico deve ser buscada, como Aristóteles esclareceu, no *mythos* trágico ou estrutura do enredo” (FRYE, 1980, p.159).

Além do *mythos*, Aristóteles pontua mais cinco elementos constituintes da tragédia, que seriam estes em ordem decrescente de importância: caráter, pensamento, elocução, espetáculo e melopeia (música).

Aristóteles, no capítulo 13, da *Poética*, discute o conceito de caráter (*ethos*), ou seja, a natureza do herói trágico, e acaba por determinar a causa da tragicidade, que ele definiu como *hamartia*, um erro, uma falta. Discute-se muito, se a dimensão dessa *hamartia* seria moral, porém, percebe-se, e na verdade ao se analisar a questão de *Édipo rei* (420 a.C.), de Sófocles, estabelece-se que a *hamartia* é algo inconsciente, levando ao reconhecimento e a descoberta.

Tudo se efetiva num enredo em que o personagem ao tentar fugir de seu destino acaba por encontrá-lo e efetivá-lo. Édipo, ao saber que mataria seu pai e casar-se-ia com sua mãe resolve fugir, sem embargo, não tinha conhecimento que era filho adotivo. Na fuga, acaba por matar alguns homens, inclusive Laio, rei de Tebas, seu pai, em seguida, resolve o segredo da esfinge e é recebido como herói em Tebas, tendo a honra de casar com a rainha viúva, Jocasta, a qual de fato é sua mãe.

É notório o desconhecimento de Édipo perante tal quadro instaurado, contudo ao saber da verdade, depois de gerar filhos com sua própria mãe, descobre que ela ao saber do que passou se mata e então decide cegar-se para poder espiar seus pecados, incidindo na produção da catarse como efeito do trágico. Toda essa tragicidade contempla *Édipo rei* como uma obra complexa e que será tida como modelo, exemplo do que se sucede com a teoria freudiana do complexo de Édipo, em que o menino nutriria um desejo e amor tão intensos pela mãe que tende a rechaçar o pai.

Freud (1996), ao trazer à tona sua teoria acerca da sexualidade infantil, causou certo espanto na sociedade da época, no final do século XIX, pois as etapas do desenvolvimento infantil estavam ligadas à ideia do prazer e se salientavam em três fases: a primeira, oral; a segunda, anal e a terceira fálica; as quais seriam seguidas de um período de latência. Dessas conceituações vinculadas à teoria do inconsciente resultou o complexo de Édipo.

Faz-se mister destacar que na gênese da teoria do inconsciente estabelece-se à noção do descentramento do indivíduo. O próprio Freud comparou sua descoberta a duas grandes rupturas de paradigma, a de Copérnico que teria tirado o homem do centro do universo e a de Darwin, a qual tirou o homem do centro da criação; "(...) a psicanálise, por sua vez, descentrou o homem de si mesmo ao mostrar que 'o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa'" (JORGE, 2008, p.17).

Destarte, há na noção psicanalítica freudiana do mito edípiano o conceito de ruptura, de passagem de uma condição e sua separação. Em *Totem e tabu*, Freud salienta o nível simbólico dessa representação. "Nesse mito, é condição imprescindível que o pai tirano morra enquanto

homem para, após sua morte ter sido celebrada e pranteada, poder existir como pai simbólico” (BRANDÃO, 2005, p.13).

As concepções de paternidade para a psicanálise se centram na produção reflexiva de Freud (1974a, 1974b, 1976a, 1976b, 1996) e Lacan (1981), em seus variados estudos. Cabe ressaltar que a construção da teoria edipiana é um processo de grande profundidade. De acordo com Moreira (2004, p.219), em alguns momentos, a construção desse ideário é lógica e, em outros, tortuosa.

6 À GUIZA DE UMA CONCLUSÃO: DOIS ÉDIPOS PÓS-MODERNOS E UMA MESMA ONTOLOGIA

A literatura contemporânea capta em suas produções os dilemas do sujeito pós-moderno cujo descentramento perpassa às noções do próprio inconsciente. A realidade se torna um objeto intangível para muitos que buscam na idealização a realização de processos improváveis mediante sua condição. A fuga ou completa negação aos regramentos sociais condiz com a postura daqueles que não entendem ser possível uma saída mais racional. Para Zir (2010, p.195), “questões de ordem ontológica permanecem determinantes para a literatura moderna”.

Os autores da literatura contemporânea, interpelados pelo sentimento de incertezas, percebendo esse movimento no espírito dos homens, constroem uma literatura de desapego, de desconstrução e de ruptura com os ditames outrora inabaláveis. Mario Sabino retrata essa situacionalidade em algumas de suas declarações e escritos. Em 2009, no posfácio de seu terceiro livro, a obra de contos *A boca da Verdade*, retrata um pouco dessa situação ao referendar que boa literatura é aquela na qual “os protagonistas são movidos por angústia, tormento, sofrimento” (2009a, p.139) e subjacente às máscaras não há nada, fato que não faz ninguém ser pior do que já é.

Nessa contraposição de máscaras, os traumas e tabus sobejassem às aparências, e as duas personagens protagonistas dos romances buscam na racionalização à saída para as amarras indissociáveis do inconsciente.

Aristóteles, em a *Poética* (1984) demonstra a partir da tragédia *Édipo rei*, de Sófocles, o modelo do gênero trágico, no qual um herói, ao tentar fugir de seu destino o encontra e deve pagar por ele a fim de que haja uma catarse, possível no movimento mimético próprio do teatro. Freud (1974), em uma carta a Fliess, lança a ideia de Édipo num nível das relações entre pai e filho, a qual culminará em várias discussões até chegar à formulação da teoria do Complexo de

Édipo. Dentro dessa corrente de pensamento fundaram-se muitas preposições das teorias psicanalíticas, as quais são retomadas e realinhadas à literatura em vários autores.

Mario Sabino, não só retoma o conflito existencial na dualidade pai-filho, como tem em seus dois romances escritos, a reincidência de tal temática, sempre dialogicizante às teorias próprias à psicanálise, com Freud e Lacan como destaques. Agregados a esse paradigma, os protagonistas dos romances se denotam como sujeitos em crise ontológica, marcado pelas incertezas de seu tempo.

Logo, a literatura pós-moderna de Mario Sabino, em seus dois romances, aborda a problemática do conflito antitético baseado no mito edipiano da psicanálise, por meio de narradores-protagonistas enredados pelo conflito ontológico de uma sociedade na qual as pessoas se encontram descentradas e angustiadas perante as condições circundantes.

As duas obras de Sabino são narradas em primeira pessoa a partir do relato de um jovem burguês de classe média alta, no primeiro romance, e das peripécias amorosas de um jornalista que recebe a herança de um pai que o abandonou aos cinco anos de idade, na segunda produção.

Em *O dia que matei meu pai*, o recurso empregado para o diálogo com o leitor é o de ele estar contando a uma analista ou a uma psiquiatra o seu trecho de vida, de tal modo se estabelece um contato direto com o leitor, como se este encarnasse a figura de quem escuta a história. Já em *O vício do amor*, a narrativa se estabelece em forma de relato, com fluxos de consciência e remissões diretas, do niilismo de Shopenhauer (2005) à quebra de paradigma da cantora pop americana Lady Gaga.

Os dois narradores se postulam como sujeitos numa crise identitária e de um deslocamento no mundo, num movimento narcisista. A dialética realidade e ilusão se estabelece de forma constante, numa dúvida da verossimilhança das informações elencadas, fato gerado pelas estratégias discursivas e tom irônico, até sarcástico em relação a quem recebe a narrativa. O leitor é interpelado nas duas histórias, como alguém que está sendo ludibriado ou levado a entender o que o narrador quer. Dá-se a entender que o protagonista o qual narra almejar desvelar o leitor em todas suas nuances frente ao desencantamento do mundo.

As angústias dos protagonistas e o conflito perene com a vida social que lhes abarcam são expressos nos conflitos e divagações estabelecidos durante a narração, a qual se efetua na hibridez de discursos, na influência da linguagem midiática, cinematográfica e jornalística. Tal recurso condiz com a formação de Mario Sabino, vindo da tradição midiática comunicacional, e da tendência do romance contemporâneo, em especial o latino-americano, marcado pelas influências da bricolagem pós-moderna, fato este aludido por Canclini (2003), na ideia de que a América

Latina é pós-moderna há séculos, justamente por ser híbrida e formada pelo pastiche e a bricolagem cultural.

A remissão à imagem do pai como causador das dores e traumas dos protagonistas denota um processo dialógico, polifônico e intertextual com a obra *Édipo rei*, de Sófocles, recontada e revisitada numa perspectiva mimética diferenciada, próxima a proposta por Lima (2000), na qual as histórias passam a destinar temáticas de aprofundamento psicológico e social, cuja representação da realidade literária e do processo de crítica de arte não pode se encerrar nos meandros de uma resposta sociológica e que o processo de mimese deve ser repensado nesse sentido, como uma metáfora, uma mimese de construção.

Há nos protagonistas de *O dia em que matei meu pai* e *O vício do amor* um movimento de crise existencial, a qual extrapola as raias sociais e psicológicas, consolidando um movimento de construção ontológica, metafísica e fenomenológica, efetuadas numa interpretação dialética com a psicanálise e o mito edipiano.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril, 1984.
- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In*: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003. pp. 55-63.
- AUERBACH, Erich. **Mímesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. de George Bernard Sperber. 2ª Edição revisada. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e política**: Ensaio sobre literatura e História da cultura. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993. pp. 197-221.
- BRANDÃO, Hortensia Maria Dantas. **A lei em nome do pai**: impasses no exercício da paternidade. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia. UFBA, Salvador, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Niterói, n. 1, pp. 10-21, mar. 1991.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Rio de Janeiro, n. 3, pp. 67-74, 1996.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M.N. da Silva. São Paulo: Ed.Perspectiva, 2002.

DIAS, Ângela Maria. Fronteiras na literatura brasileira: tendências e sintomas da passagem do século. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Belo Horizonte, n. 6, pp. 45-62, 2002.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

EL-KADI, Aileen. O parreçídio como espetáculo da violência: O dia em que matei meu pai. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n. 37, pp. 201-209, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewArticle/4012>. Acesso em: 22 de dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: **A Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise; Teoria Geral das Neuroses-I**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. III, pp. 251-385). Rio de Janeiro: Imago, 1974a.

_____. **O Mal Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI, pp.73-161) .Rio de Janeiro: Imago, 1974b.

_____. **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.(Vol. XIII, pp. 13-191). Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

_____. **Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.(Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1957.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo (Vols. 1-2)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Trad. de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. *In*: LIMA, Luiz Costa (Seleção, introdução e revisão técnica). **Teoria da literatura em suas fontes (Vol. 2)**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2002. pp. 955-988

_____. Problemas da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chave da época. *In*: LIMA, Luiz Costa (Seleção, introdução e revisão técnica). **Teoria da literatura em suas fontes (Vol. 2)**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2002. pp. 927-954

JAMESON, Fredric. **Ensayos sobre el posmodernismo**. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 1991.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: As bases conceituais. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **A família**. Lisboa: Pelas Bandas da Psicanálise, 1981.

LACAN, Sybille. **Un père**: puzzle. Paris: Gallimard, 1994.

LIMA, Luiz Costa. Representação e mimesis. *In*: LIMA, Luiz Costa. **Mimesis**: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **La Condición Postmoderna**. Madrid : Catedra, 1987.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.9, n. 2, pp. 219-227, mai./ago. 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OLIVEIRA, Francine. **A Narrativa e a Experiência em Walter Benjamin**. 8º Congresso LUSOCOM, 2009. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/61/37>. Acesso em: 10 de set. 2012.

SABINO, Mario. **A boca da verdade**. Rio de Janeiro: Record, 2009a.

_____. **O antinarciso**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **O dia em que matei meu pai**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009b.

_____. **O vício do amor**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTANA, Solange Santos. Ingmar Bergman, Bertold Brecht, Samuel Beckett e Daniel Galera sob os olhares de Adorno e Silvano Santiago. **Revista Desenredos**. Teresina, vol. I, 10, pp. 1-11, ago. e set., 2011.

SANTIAGO, Silvano. O narrador pós-moderno. *In*: SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 38-52.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação (Vol. 1)**. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Domingos Paschoal Cegalha (trad.). 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

ZIR, Alessandro. A persistência de questões de ordem ontológica na literatura moderna: uma perspectiva para a crítica literária. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo, n. 16, pp. 195-212, 2010.